

Viva São Paulo

Categories : [Carla Rodrigues](#)

É verdade que a colunista Flavia Velloso, mineira criada no Rio de Janeiro e hoje moradora de São Paulo, [está se queixando da qualidade do ar da maior metrópole brasileira](#). Ela, como metade dos brasileiros, mora em cidades com alto grau de poluição do ar, conforme diagnosticou o documento **Perfis dos Municípios Brasileiros**, do IBGE. Nas grandes cidades, os automóveis são os principais responsáveis pela poluição do ar, e em pequenos e médios municípios a situação se inverte: é a poeira das ruas sem pavimentação que responde pela maior causa de poluição do ar. Curiosamente, poeira no Brasil urbano polui mais do que atividade industrial.

Mas a minha defesa de São Paulo está inspirada na comparação com o decadente balneário carioca, o Rio de Janeiro. A capital paulista é, a princípio, um lugar inóspito para quem gosta de verde, meio ambiente e sossego. A imagem é a da cidade antítese do Rio, esta sim um lugar privilegiado pela natureza, cercado de mar e montanha. O mito cai por terra quando se constata que, segundo o mesmo estudo do IBGE, os cariocas vivem num estado no qual 77% das cidades registram poluição na água, resultado do esgoto jogado nos rios e lagoas.

Mais um item sempre favoreceu o Rio em relação a São Paulo: a maior cidade da América Latina, que em 2005 ultrapassa a Cidade do México em número de habitantes (*18 milhões lá, para 19 milhões aqui, dados da ONU em documento da Cepal*), tem um trânsito infernal, no qual se contabiliza engarrafamentos em centenas de quilômetros. A (falsa) idéia é que no Rio de Janeiro as distâncias são curtas, os tempos de percurso, rápidos e o trânsito, bom. E justamente por não reconhecer o excesso de carros nas ruas e o trânsito caótico tem se tornado uma ameaça à cidade que o Rio está virando um lugar pior do que São Paulo para se movimentar.

O melhor exemplo são os motoboys. Qualquer paulistano dirá que eles fazem o horror do trânsito paulistano. Como bem mostra o documentário de Caio Ortiz (Motoboy, vida louca), o bom funcionamento da cidade de São Paulo depende desses garotos, às vezes nem tão jovens assim, que passam a vida sobre uma pequena motocicleta, cruzando as ruas atrás de prazos e destinos impossíveis. Mas existe um pacto entre os carros e eles: os motoboys andam sempre entre as pistas do centro e da esquerda. Coisa que não é possível no Rio por várias razões: a primeira delas, a constatação de que na grande maioria das grandes vias não há três pistas, apenas duas. Até aí, seria fácil. O motoboy poderia circular na mesma faixa entre direita e esquerda.

O problema é que o Rio de Janeiro abandonou – se é que um dia teve – todos os códigos de conduta. Funciona mais ou menos assim: como motoqueiro virou quase sinônimo de ladrão, quando um motoboy cerca o seu carro seja lá por que lado for, agradeça pelo fato de não ser um assaltante e não se preocupe se a moto está do lado errado da pista. Terra sem lei, não apenas pelo descaso do prefeito – a governadora é ocioso citar – , mas sobretudo porque se perderam, nas tramas que unem violência e degradação urbana, os pactos entre os cidadãos. É o que faz

com que, no Rio de Janeiro, ninguém respeite, por exemplo, regras básicas de trânsito: não fechar o cruzamento, não buzinar, parar no sinal fechado, não arrancar quando o sinal abre se ainda houver pedestres cruzando a faixa.

São quase 10 milhões de cariocas barulhentos e agressivos, no trânsito ou nas calçadas. Quem sofre é o meio ambiente urbano, essa categoria que mede a qualidade de vida numa cidade não apenas pelos indicadores do IBGE, mas pelo grau de hospitalidade que o lugar oferece. O Rio de Janeiro está se tornando uma cidade desagradavelmente hostil, e o mesmo não se pode dizer de São Paulo, onde a consciência de que qualquer deslize leva ao caos completo faz com que os moradores sejam muito mais respeitosos dos limites individuais, das regras coletivas e dos códigos mínimos de boa conduta. Eu, que como a Flávia sofro de alergia respiratória, resolvi escrever este elogio a São Paulo como um desabafo de quem também não consegue mais respirar por aqui.